

O BOMBEIRO PORTUGUEZ

FOLHA QUINZENAL

5. ANNO	PREÇO DA ASSIGNATURA (ADIANTADO) (REINO)		PORTO, 1 DE JULHO DE 1881	PREÇO DA ASSIGNATURA (ADIANTADO) ESTRANGEIRO)		N.º 7
	Trimestre.....	350 réis	ESCRITORIO—SANTA CATHARINA, 406, 4.º	Trimestre.....	600 réis	
	Semestre.....	700 "		Semestre.....	1200 "	
	Anno.....	1400 "		Anno.....	2400 "	

DR. JOSÉ JOAQUIM RODRIGUES DA CAMARA

O retrato que hoje apresentamos aos nossos leitores representa o actual vereador do pelouro dos incendios do municipio de Lisboa e seu vice-presidente.

Medico distincto, o dr. Rodrigues da Camara deixou assignalada a sua passagem no parlamento fazendo parte de duas sessões legislativas notaveis nos fastos da nossa politica, as que votaram a lei da extincção dos vinculos e a do contracto do tabaco.

Conselheiro districtal, foi eleito vereador do municipio de Lisboa e reeleito tres vezes e tem prestado aos seus municipios valiosos e prestantes serviços, como era de esperar da sua muita illustração e força de vontade que lhe tem trazido o nome popular que hoje goza e que o torna respeitado e querido.

Como vereador do pelouro dos incendios e é n'essa qualidade que o recommendamos á consideração dos nossos leitores, o dr. Rodrigues da

Camara tem sido sempre prompto e desvellado em sustentar e apresentar todas as propostas e mais actos da inspecção. Sendo apaixonadamente dedicado ao corpo de bombeiros, affeição de que por muitas vezes tem dado sobejas provas.

O dr. Rodrigues da Camara em attenção aos seus merecimentos como cidadão e como medico distincto, como o tem demonstrado dirigindo a enfermaria do hospital de S. José e a da Santa Casa da Misericordia,

tem sido agraciado com as commendas de Nosso Senhor Jesus Christo e de Isabel a Catholica de Hespanha, e com o habito de cavalleiro da ordem da Rosa, do Brazil. E' tambem condecorado com a medalha creada para premiar os serviços prestados por occasião da febre amarella em Lisboa, no anno de 1857.

O dr. Rodrigues da Camara foi ultimamente a Madrid representar com outro vereador o municipio de

Lisboa nas festas do bi-centenario de Calderon de la Barca sendo por essa occasião agraciado pelo governo de Affonso XII com a commenda de Carlos III e o governo portuguez tendo na maxima conta os seus serviços e merecimentos acaba tambem de o condecorar com a commenda da ordem militar de Nossa Senhora da Conceição.

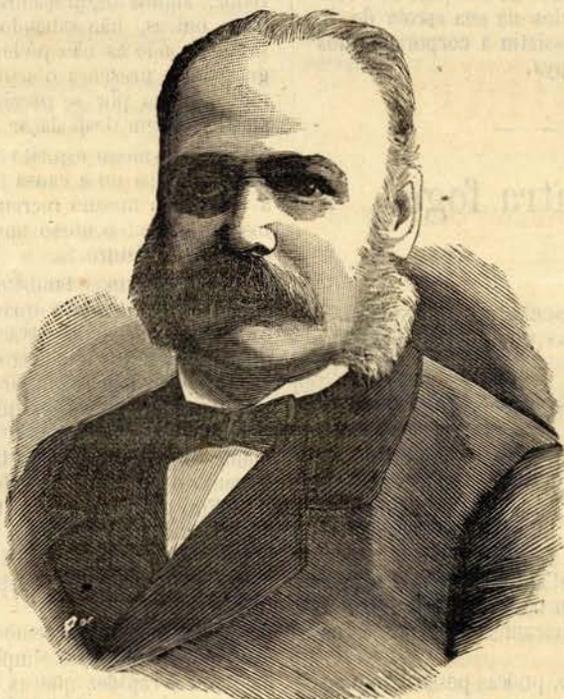
O *Bombeiro Portuguez* folga de apresentar aos seus leitores o retrato d'um cidadão prestantissimo e d'um amigo dedicado dos bombeiros.

Cumpra assim o dever que se impoz e presta devido culto á illustração e caracter probo de quem tanto trabalha para ser util á sociedade, como o dr. Rodrigues

da Camara o tem affirmado em todos os actos da sua vida.

BOMBEIROS MUNICIPAES DO PORTO

Aos funeraes do finado presidente do municipio do Porto, dr. Antonio Pinto de Magalhães Aguiar, as-



sistiram, formando alas à porta do templo da Trindade, os bombeiros do município, commandados pelo sr. inspector geral e pelos seus ajudantes.

O cadaver foi levado da tarima para o carro mortuario que, findos os responsos, o conduziu para o cemiterio, por seis primeiros patrões que durante a tarde tinham tambem feito guarda ao feretro.

Aos responsos assistiram tambem os bombeiros voluntarios commandados pelo seu commandante e um trço de bombeiros do município de Gaya que conjuntamente com os do Porto formaram tambem alas à porta do templo.

Foram concedidos dous mezes de licença para tractar da sua saude ao primeiro patrão da corporação dos bombeiros municipaes do Porto, Antonio Moreira da Silva Couto.

A corporação dos bombeiros municipaes do Porto tem tido ultimamente exercicios na sua escola de S. Lazaro. A um dos ultimos assistiu a corporação dos bombeiros do município de Gaya.

Socorro contra fogo

MEIOS PRATICOS PARA A EXTINCCÃO DOS INCENDIOS E SALVAÇÃO DE PESSOAS E HAVERES

(Continuado do n.º 5)

II.—Precauções a tomar pelos habitantes

Já dissemos que depois d'algum sinistro, toda a gente parece cuidadosa e disposta a contribuir quanto em si cabe, ao immediato melhoramento dos socorros contra o fogo.

No emtanto, caso estranho, poucas pessoas tomam em sua casa as precauções necessarias para salvaguardar a sua propria existencia e a da sua familia, como se a desgraça que hoje succede ao visinho, não lhes pudesse amanhã succeder. No fim d'alguns dias, a emoção que se se apoderára do publico desaparece para dar lugar ao socego, as cousas entram a pouco e pouco no seu estado normal, a apathia succede á effervescencia e sem que nada se mude, sem que se faça a menor modificação nas disposições existentes, tudo cabe no esquecimento, até que algum sinistro venha ressuscitar os receios e pôr de novo deante dos olhos todos os perigos manifestos da imprevidencia. E no emtanto, descança-se quotidianamente, sem uma unica vez se perguntar por onde e porque meios se conseguiria es-

capar ás chammas se estas se apresentassem inesperadamente na habitação que se occupa, até no proprio quarto em que se dorme.

Muitas vezes as pessoas que mais interesse têm em iniciar os outros nos meios do *sel-helf*, são as primeiras a evitar, com fastidiosos protestos, qualquer explicação a esse respeito. É uma fraqueza bem culpavel a de expôr a existencia dos seus de preferencia a inquietar-os, como o conductor d'um vehiculo que esmagasse o seu semelhante com receio de o assustar gritando-lhe: *arreda!*

Longe de industriar as pessoas que habitam na casa, em todos os meios de salvação de que possam tirar partido nas diferentes hypotheses d'um incendio, e de se certificar por si proprio do bom funcionamento dos apparatus previamente installados, os chefes de familia tranquillizam muitas vezes a propria consciencia encarando as cousas pelo aspecto menos terrivel e perguntando a si proprios: como é que o fogo se declararia aqui? E depois não estão os bombeiros sempre promptos a socorrer-nos? Não estão no segu-ro casas e fazendas?

Vemol-as a miude, as tristes consequencias d'este falso raciocinio: surpreendidos pelo fogo no meio do descanço, sem darem conta do que se passa em de redor, alguns desgraçados são asfixiados e carbonisados: outros, não sabendo para onde fugir, procuram sahidas onde as não pôdem encontrar, perdem o sangue-frio, a presença d'espírito e acoçados pelas chammas acabam por se precipitar de alturas vertiginosas para se virem despedaçar no solo.

Não é nosso espirito imputar ás desgraçadas victimas a culpa ou a causa do accidente que lhes custou a vida, nem mesmo recreminar actos anteriores a certos desastres: o nosso unico desejo é poupar existencias para o futuro.

Não seriamos tambem rasoaveis, se não reconhecessemos que, sejam quaes forem o numero e a effiacia dos meios de salvação de que se dispõe, sejam quaes forem a vigilancia e previdencia postas em acção, convém não se illudir sobre as dificuldades de se escapar ás chammas, as quaes se pôdem apresentar de mil maneiras diferentes e em circumstancias perfeitamente imprevisas. É n'este caso que tem o maior cabimento o velho rifão: *Ajuda-te que o céu te ajudará.*

Em geral, quando o fogo se declara n'uma casa, os que a habitam pôdem, antes da chegada dos bombeiros, fugir pelos baixos, se as communicações inferiores são praticaveis, ou pelos telhados, no caso contrario.

Não nos occuparemos d'esse primeiro modo de salvação que consiste simplesmente em descer as escadas com a rapidez que as circumstancias exigem.

Quando o rez do chão ou os andares inferiores estão em chammas e que a retirada pelos baixos da habitação está cortada, não se passam as cousas já tão facilmente e é n'esta contingencia que muitas pessoas têm achado a morte.

Salvo em alguns casos particulares em que adiante fallaremos, as pessoas expostas devem correr para as trapeiras, fechando cuidadosamente as portas na sua passagem, de modo a pôr entre ellas e o fogo a maior distancia possivel, impedindo ao mesmo tempo que o fumo e os gazes deleterios que sobem dos andares inferiores, se venham accumular precipitadamente nos altos. Se d'esse lugar, por meio de disposições anteriormente tomadas, se poder facilmente sair para o

telhado e correl-o sem grande perigo, agarrou-se a tábua da salvação.

Por outro lado, os visinhos e os bombeiros poderiam, logo que chegassem, tornar esta fugida mais certa, subindo aos telhados das casas contiguas e d'ahi, em caso necessario, ás aguas-furtadas da casa incendiada.

No entanto, o accesso aos telhados apresentará sempre difficuldades para as pessoas enfermas, velhos e creanças. Não seria serio por isso possível estabelecer, de commum accordo, em cada muro de meação, na altura das aguas-furtadas, uma communicação fechada por uma porta metallica ou por uma alvenaria ligeira que em caso de necessidade facilmente se desfizesse?

Aconselhamos sobretudo o systema de portas de folha de ferro fechadas por meio de duas fechaduras sem chave (trinco) tão solidas como se desejassem e collocadas de cada lado da porta, de maneira que esta se não poderia abrir sem a vontade simultanea dos dous visinhos.

Se as casas contiguas não forem da mesma altura, collocar-se-ha uma pequena escada de ferro nas aguas-furtadas mais baixas, para chegar ao nivel das outras: em caso preciso a communicação seria estabelecida d'um lado pela trapeira, do outro por uma porta collocada na empena do edificio mais elevado. Neste ultimo caso, uma rampa de ferro protegeria a passagem.

Com estas medidas de precaução, quando um incendio se declare, os habitantes da casa contigua á que está a arder, os visinhos, o pessoal da policia e os bombeiros na ordem da sua chegada, iriam immediatamente abrir a fechadura da porta nas aguas-furtadas da casa pegada.

Se os incendiados não respondessem de prompto quando os chamassem, a mais ousada das pessoas presentes subiria ao telhado, introduzir-se-hia pelas aguas-furtadas da casa onde o fogo lavrasse e abriria ella mesmo a porta da communicação.

Desde esse momento não só a salvação se tornaria muito facil, mas a maior parte dos casos de extincção se operariam tambem mais rapidamente: o estabelecimento das mangueiras far-se-hia sem difficuldade nem perigo, e, como o ataque do fogo pelo plano dominante, é sempre mais vantajoso, as chammas seriam facilmente repellidas.

Bem conhecemos as mil objecções que levantarão estas linhas da parte de certos proprietarios, cujo terreno invadimos livremente, mas, passamos além, porque estamos convencidos que nenhuma será bastante séria para contrabalançar as vantagens que daria o systema uma vez adoptado. Demais, uma existencia salva d'uma morte certa bastará para que a iniciativa privada se encarregue de per si de generalisar esta medida cuja conservação necessariamente escapa á vigilancia directa das auctoridades.

O estabelecimento das communicações entre as aguas-furtadas, não comprometteria mais a segurança dos habitantes do que as aberturas actualmente existentes nos telhados, porque os ladrões ou mal intencionados não se poderiam introduzir pela porta em questão, senão depois de terem tido accesso em casa do visinho, e depois ainda lhes faltava a cooperação d'uma pessoa que estivesse na mesma casa: ora, admitindo esse concurso, o ataque á propriedade não se realisaria mais facilmente do lado da rua?

No entanto, as pessoas pouco confiantes nos mem-

bro da sua familia ou dos seus serviçoes, podem, para se tranquilisar, tomar uma infinidade de precauções, taes como collocar campainhas *agarrar ladrões*, sellar a porta, ou collar-lhe nos intersticios que formam o caixilho um tecido delgado ou papel marcado, que facilmente cederia em caso de necessidade, mas que, rasgando-se com a passagem, trahiria toda a manobra occulta e impediria assim que ella se reproduzisse.

Outras medidas menos geraes podem ser tomadas vantajosamente attendendo á situação, construcção e distribuição do edificio que se habita. D'esse numero as mais recommendaveis são:

a) Instalar em cada quarto de dormir escadas amoviveis, articuladas, metallicas ou d'outra especie, cordas de nós, cordas lisas com freios descensores, etc., n'um pequeno armario collocado por baixo do peitoril d'uma das janellas. Um gancho solido, chum-dado d'ante-mão no muro, serviria para amarrar estes apparelhos quando se houvesse de servir d'elles.

Antes de operar a propria fugida, poder-se-hia successivamente prender na extremidade inferior d'essa corda e descer do andar em que se está, pessoas ou objectos preciosos que se queiram salvar.

b) Munir os grandes edificios, como theatros, circos, palacios, etc., de escadas fixas ou simplesmente de varões de ferro que corram ao longo dos telhados e das fachadas, na proximidade das sabidas para apresentar ao pessoal um caminho de retirada em caso de perigo.

(Continua).

BOMBEIROS VOLUNTARIOS ACADEMICOS

Sobre a projectada instituição d'uma companhia de bombeiros voluntarios academicos em Coimbra e de que já por vezes nos temos occupado, chegam-nos á mão as seguintes informações a respeito d'uma reunião havida ultimamente n'aquella cidade com esse intuito.

«Houve no theatro Academico uma numerosa reunião de estudantes e habitantes de Coimbra, para se discutir a organização d'uma sociedade de bombeiros voluntarios.

A mesa foi constituida pelos srs. dr. Bernardo Serpa, Ornellas Cysneiros e Zeferino Falcão. Assistiram a esta reunião os srs. governador civil, commissario de policia e Miguel Osorio, par do reino.

Aberta a sessão, pediu a palavra o sr. João Martins da Silva Marques, quartanista de Direito, que, n'um rapido e brilhante improviso expoz a historia da fundação d'uma companhia de bombeiros voluntarios academicos em Coimbra.

Disse que tal ideia de ha muito estava radicada no animo de toda a academia, e que n'uma reunião que houve dos estudantes d'instrucção secundaria, no dia 30 de Maio, elle propozera a formação d'uma companhia. Fôra unanimemente approvada e todos os estudantes presentes se inscreveram como socios fundadores.

No dia 9 de Jnnho, houve nova reunião, no theatro da rua do Guedes, unicamente para este fim, tendo sido convocada previamente a academia por meio d'annuncios.

Alistaram-se varios academicos da Universidade e

Lycen. Foi votado que se procedesse a bazares e conferencias e que se requisassem subsidios do governo, camara municipal e companhias de seguros. Foram nomeadas duas commissões: para organisação de estatutos e para os bazares.

No dia 10, houve no theatro Academico uma reunião para dar maior publicidade á existencia da companhia e proceder á inscripção de membros, cujo numero era de 127. Participou-se a alguns jornaes de Coimbra e a outros de Lisboa e Porto a fundação da sociedade.

Que soubera que o sr. Souza tentava formar tambem uma companhia de bombeiros voluntarios academicos, unicamente auxiliar dos bombeiros municipaes, e ao mesmo tempo uniformisar os bombeiros municipaes e crear-lhes um monte-pio.

Que propozera aos socios fundadores a ideia do sr. Souza, sendo reprovada por unanimidade.

Começou então a analysar a proposta do sr. Souza, que lera na *Correspondencia de Coimbra*, e que lhe fôra por elle mesmo communicada. Frisou a inutilidade e incongruencia de academicos uniformisarem bombeiros municipaes, quando a camara de Coimbra era rica. Seria uma offensa á camara, e ao mesmo tempo uma absorpção e desvio de fundos, que era indispensavel para adquirir material para a companhia de bombeiros voluntarios academicos, indigente.

Elogiou a philantropia da creação d'um monte-pio para os municipaes, mas irrealisavel, porque tal instituição iria lezar enormemente a philantropica-academica, que infelizmente estava pobrissima.

Que a academia necessitava primeiro de acudir aos seus irmãos pobres, para depois se occupar dos estranhos.

Depois de apresentar a sua profissão de fé radicalmente democratica, repelliu fortemente a ideia de fusão das duas companhias, e muito mais a creação d'outra auxiliar.

Disse que a concorrencia era o progresso de todas as industrias e instituições, e que não aceitava a união das duas companhias, porque estando a municipal esphacelada e decadente, como se vira no ultimo incendio, só poderia enfraquecer a que tão auspiciosamente pretendia erguer-se. Fallou ainda muito a favor da formação d'uma companhia academica, mas independente.

Foi calorosamente applaudido.

Pediu em seguida a palavra o sr. Souza, sustentando a sua ideia, mas viu-se claramente que o pensamento do sr. Martins predominava na assembleia.

Fallou depois o sr. Zeferino Falcão, espraiaando-se em considerações sobre o que dissera o sr. Martins.

Seguiu-se o sr. Mello lembrando um meio consiliador: formar uma companhia independente, composta de academicos e não academicos.

Teve a palavra o sr. Centeno, que energicamente combateu o projecto do sr. Souza, preferindo a ideia do sr. Martins, não só por ser a mais antiga, mas mais realisavel e sensata. Incepou os individuos não academicos, que na totalidade eram bombeiros municipaes por applaudirem ou repellirem uma ideia, que em ambas as propostas, devia ser realisada por estudantes e a seu favor.

Foi muito victoriado.

O sr. Martins pedindo novamente a palavra propoz um voto de louvor aos srs. governador civil, commissario, Miguel Osorio e Bernardo Serpa, por terem adherido á academia, provando assim que em Portugal começava a dar-se a devida importancia ao corpo aca-

demico, similhante á França, onde um ministro n'uma das camaras, para corroborar a sua proposta, dissera: o bairro latino pensa assim. Respondeu depois ao sr. Souza e Zeferino, recebendo longos e repetidos applausos.

O sr. Salgado fallou mostrando as contradicções do sr. Souza e combatendo-o. Foi apoiado pela assembleia.

O sr. Miguel Osorio pediu tambem a palavra, e depois de agradecer o voto de louvor, propoz que se nomeasse uma commissão em que entrassem o sr. Martins e Souza, devendo ambos ceder alguma coisa das suas propostas.

O resultado d'esta assembleia foi a nomeação de uma commissão composta dos srs. dr. Bernardo Serpa, Martins, e Souza, para organisarem a sociedade de bombeiros voluntarios academicos, independentes.

Agora permittam-nos os illustres iniciadores da sociedade de bombeiros voluntarios academicos a nosa franca e leal opinião.

Vai mal auspiciada a sua instituição. Pelas informações que particularmente nos foram ministradas não foram muito lisongeiramente tractados os bombeiros municipaes nos discursos pronunciados na reunião de que vimos tractando, o que é mau, muito mau. D'ahi a origens d'odios que fermentarão e farão explosão n'um dado momento o que convem evitar, poupando assim sérios desgostos.

Estamos plenamente d'accordo em que a projectada companhia não deve nem pode uniformisar bombeiros municipaes nem estabelecer-lhes monte-pios. Compete isso ao municipio que daria de si tristissima ideia se tal consentisse.

Não comprehendemos o que seja em serviço de incendios companhias independentes. Seria a creação do estado no estado, o que seria impossivel. As associações de bombeiros voluntarios existentes em Portugal e cujos serviço são devidamente apreciados, são meramente auxiliares das companhias municipaes nas localidades em que estas estão estabelecidas. Podem organizar-se como bem quizerem, reger-se como bem entenderem. Em questões de serviços sujeitar-se-hão sempre aos chefes municipaes como meros auxiliares. Assim estão constituidas as mais importantes associações como são Porto, Lisboa, Guimarães, Belem, etc.

Poder-nos-hão responder que em Coimbra não ha companhia de incendios regularmente montada, que não ha chefes competentes e á altura da sua missão. Pois que o municipio cuide de melhorar esse serviço, pondo á sua frente um homem que satisfaça as suas justas aspirações. No Porto dava-se o mesmo caso e a inaptidão do chefe da companhia de incendios deu em resultado os tristissimos acontecimentos que foram do dominio publico. Hoje, está a frente da companhia um homem illustrado e que é na sciencia um vulto distincto. Com o estabelecimento da disciplina veio a comprehensão dos deveres e direitos de cada um e é conhecida a harmonia que existe entre os bombeiros municipaes e voluntarios portuenses.

Regule pois o municipio de Coimbra o seu serviço de incendios. Organise-o, dê-lhe um chefe á altura do seu cargo, dê-lhe uma lei que o regule e o estabelecimento d'uma companhia de bombeiros voluntarios virá em muito contribuir para o bom exito do seu intento.

Tudo o que fôr fora d'este caminho é seguir trilho errado.

Correspondencias

LISBOA, 29 DE JUNHO DE 1881

(DO NOSSO CORRESPONDENTE)

No meu dever de chronista cumpre-me noticiar-lhes o incendio que pelas 8 horas da noite, do dia 14 do corrente se declarou na rua Garrett, á esquina da travessa de Estevão Galhardo, incendio que a declarar-se a horas mais adiantadas da noite poderia assumir as proporções d'uma horrivel catastrophe.

No predio incendiado moram ou têm alli seus estabelecimentos, quatorze inquilinos. O 5.º andar, onde começou o incendio, era occupado pelo sr. Servulo Ferreira e tinha seguro na Previdencia em 400\$000 réis. Perda. O 5.º andar, contiguo, occupado pela sr.ª D. Maria José da Conceição Almeida, com seguro na Fidelidade em réis 1:244\$700. Estava ali tambem uma officina de correio. Perda quasi total. O 5.º andar fronteiro occupado pelo sr. José Teixeira, que não tinha seguro, soffreu grande prejuizo. O 4.º andar, esquerdo, occupado pela sr.ª D. Anna Maria, com seguro na Fidelidade em 1:500\$000 réis. Prejuizo causado pela agua. O 4.º andar, direito, occupado pelo sr. dr. Ignacio de Almeida, não tinha seguro. Prejuizo causado pela agua. O 3.º andar, direito, occupado pelo sr. Faustino Ribeiro, com seguro na Garantia, do Porto, em 2:000\$000 réis. Prejuizo causado pela agua. O 4.º andar, esquerdo, não está habitado. O 2.º andar, occupado pelo sr. Augusto Garrido, que se acha em Paris com sua familia. Tem seguro na Garantia. Prejuizo causado pela agua. O 1.º andar, occupado pelo sr. José Antonio da Silva, proprietario do Restaurant Club, com seguro na Garantia e Norwich, 8:000\$000 réis. Prejuizo causado pela agua. A sobre-loja, com serventia pela travessa, occupada pelo cabellereiro sr. Antonio Luiz de Figueiredo, com seguro na Garantia em 2:000\$ réis. Prejuizos causados pela agua. A sobre loja, occupada pelo sr. Godefroy, não tem seguro. Prejuizo causado pela agua. A loja n.º 88 da rua Garret, occupada pela estamparia do sr. Antonio Mattos Antunes, com seguro na Norwich em 8:500\$000 réis. Prejuizo causado pela agua. A loja n.º 90 e 92, occupada pela pharmacia do sr. José Pereira Rodrigues, com seguro na Phenix e Bonança em 12:000\$000 réis. Prejuizo causado pela agua. A loja n.º 94, occupada pelo estanco do sr. Manuel da Silva Nunes, com seguro na Bonança em 550\$000 réis Prejuizo causado pela agua. A n.º 93 e 98, occupada pela camiseria do sr. Filippé Gomes Coutinho, com seguro na Phenix em 5:000\$000 réis. Prejuizo causado pela agua.

O predio pertence ao sr. Ayres Pinheiro Mascarenhas Valdez e está seguro na Bonança em 50:000\$ réis. A ruina n'esta propriedade e a perda e damno nas mobílias orçam por 10:000\$000 réis.

No dia seguinte de manhã continuou o pessoal do carro n.º 23 no desentulho, que durou até ás duas horas da tarde, sendo necessario por diferentes vezes que o carro de mangueiras n.º 39 refrescasse os fragmentos carbonizados. Este carro ficára de noite e conservou-se até o anoitecer do dia 15.

Foi geralmente elogiado o vigoroso e bem dirigido trabalho tanto dos bombeiros municipaes como dos vo-

luntarios. Houve agua em abundancia. A companhia dos incendios está ultimamente fazendo uso de mangueiras de *caoutchouc*, systema que me não parece preferivel ao das mangueiras de couro ou de lona, pois que vi rebentar cinco d'essas mangueiras, inconveniente que n'um incendio pode ser de sensivel atraso no serviço.

Durante a faina os bombeiros encontraram no 5.º andar, onde morava a sr.ª D. Maria Almeida, e logo entregaram, 26 libras em ouro, 26\$000 réis em prata cunhada no reinado de D. Maria II e varios objectos de prata e um anel de ouro. O dinheiro ficou em poder do dono, e a prata foi reclamada pela companhia de seguros por ter valor declarado na apolice.

Se os bombeiros de Lisboa precisassem de provar a sua inconcussa probidade tinham agora ensejo de o fazer com o facto que deixamos relatado, facto que mais uma vez confirma os creditos dos bombeiros de Lisboa, reputados tão destemidos como honrados.

—O sr. vereador Theophilo Ferreira propoz que no aterro marginal do Tejo se estabeleça uma estação de soccorros contra incendios, pelas difficuldades que ha em occasião de sinistros de chegarem as machinas a qualquer ponto do mesmo atterro, onde existem muitos estabelecimentos fabris.

E' de suppor que a proposta do sr. vereador Ferreira seja de prompto posta em execução pois que são obvias as vantagens que resulta do estabelecimento da estação proposta.

—Na fabrica das armas do arsenal do exercito existe uma bomba a vapor de acudir a incendio, mas até hoje ainda nem uma só vez saiu a prestar qualquer serviço nas occasiões dos grandes fogos, e até proximo do estabelecimento, havendo todavia pessoal ali organizado, entre elles um encarregado que tem vencimento.

Não atinamos com a rasão de tal facto sendo certo que a bomba do arsenal da marinha concorre aos grandes incendios como esta pôde e deve fazer. E' de esperar que as auctoridades que superintendem n'este objecto deem as necessarias ordens para que seja devidamente aproveitada em serviço publico uma machina que custou ao estado umas centenas de mil reis.

—Foram remettidas á camara municipal as medalhas de prata de philantropia concedidas aos srs. Antonio José de Sampaio Junior, bombeiro voluntario, e Fernando Augusto de Oliveira, bombeiro municipal n.º 63, pelos serviços prestados no incendio do predio n.º 220, na rua Aurea.

Ao que nos consta será em breve feita a entrega solemne d'essas medalhas aos agraciados.

—O sr. inspector geral dos incendios recebeu no dia 21 do corrente, acompanhado de um officio muito lisonjeiro para a corporação dos bombeiros municipaes de Lisboa, uma inscripção do valor nominal de réis 1:000\$000, que a direcção da companhia de seguros Bonança offereceu para o fundo do monte pio dos mesmos bombeiros. Este importante donativo é, sem duvida, um testemunho do alto apreço, em que a companhia Bonança tem os bons serviços prestados pela benemerita corporação no incendio occorrido no predio da rua Garrett, no dia 14, como em outro lugar noticiamos. A propriedade estava segura na indicada companhia. E' louvavel o seu proceder, e oxalá fosse imitado pelas outras companhias de seguros que assim reconheceriam os importantes serviços que lhes presta quotidianamente a corporação dos bombeiros.

No officio a que nos vimos referindo, são feitos os maiores e bem nascidos elogios ao sr. inspector geral

e seu ajudante sr. Conceição e a todo o pessoal. Honra-se sobretudo a companhia Bonança com o acto que praticou.

—Um pequeno incendio que se manifestou no 4.º andar da casa n.º 104 do largo da Graça, deu causa a um sinistro que sinceramente lamentamos.

Na occasião em que o bombeiro n.º 41, Ventura Durão, um dos primeiros que acudiram, descia o lanço da escada do 4.º andar, tropeçou na mangueira e caiu, yndo parar á porta da rua e ahí fracturou a cabeça. Recebeu o primeiro curativo n'uma pharmacia proxima.

—Depois do grande incendio da travessa do Estevão Galhardo, os bombeiros, sem comtudo terem logrado uma paz octaviana, tem relativamente descançado e ainda bem.

C.

INCENDIOS NO PORTO DE 15 A 30 DE JUNHO

15 de Junho.—A's 10 horas e meia da noite. Rua da Alegria n.º 303. Principio de incendio extinto pelos visinhos. Compareceu em primeiro logar a bomba e carro dos voluntarios, seguindo-se-lhe o carro municipal n.º 3. Esteve presente o sr. inspector geral.

19 de Junho.—A's 8 horas da noite. Rua da Formiga, casa n.º 8 (ilha). Propriedade de João José Corrêa, habitada por Albino de Lemos. Principio de incendio n'uma porção de carqueja, extinto pela gente da casa e pelos visinhos.

27 de Junho.—A's 8 horas e meia da noite. Largo dos Loyos. Estabelecimento de funileiro de Antonio Teixeira das Neves. Principio de incendio que se originou na cosinha communicando-se a um tapamento. Foi de prompto extinto pela gente da casa e pela vizinhança sem o auxilio dos soccorros publicos. Compareceu em primeiro logar a bomba municipal n.º 1, comparecendo tambem a bomba e carro dos voluntarios. Esteve presente o sr. inspector geral. Somos informados de que a bomba municipal n.º 1 sahira do quartel contra expressa determinação do regulamento, conduzida por estranhos ao serviço dos incendios, e que nos dizem ser caldeireiros, visinhos do predio onde se declarou o principio de incendio. A quem compete dâmos conhecimento do facto.

29 de Junho.—A's 8 horas da noite. Fraldas da serra do Pilar. Incendio no matto, originado pela queda d'um balão. Compareceram o pessoal e material do districto e dos voluntarios. Na extincção trabalhou apenas a bomba do municipio de Gaya.

INCENDIOS NO ESTRANGEIRO

Ardeu o theatro Royal, de Belfast.
As perdas são avaliadas em 20:000 libras.

Eis alguns promenores do incendio que noticia-

mos no nosso ultimo numero, occorrido em Quebec, no bairro Saint-John.

Como já dissemos, eleva-se a oitocentas o numero de casas destruidas, incluindo a igreja de S. João e o collegio dos frades e a 1:211 as familias que estão sem abrigo.

As perdas avaliam-se em 2 milhões de dollars, cerca de 1:840 contos, moeda portugueza.

O corpo de bombeiros era impotente para lutar com as chammas, e a agua foi insufficiente. As ruas devastadas são Richemond, Latourell, St. Oliver, Richelieu, Daquillon, S. João, S. Grabiél, Rua Nova, Breton, Southerland, Deligny, S. Clair, Santa Maria, Santa Geneveva e Jupiter.

O fogo durou 7 horas.

Cerca de 600 contos das perdas causadas pela conflagração serão cobertos pelas companhias de seguros, inglezas e canadienses.

Compõem-se de 6:028 pessoas as 1:211 familias que o terrivel incendio desalojou.

Um pavoroso incendio destruiu no dia 20 do corrente mez, um armazem cheio de mercadorias em Victoria Dock, Londres.

Varias noticias

A associação dos bombeiros voluntarios de Ponta Delgada cuida em estabelecer-se em casa apropriada e para isso procura tomar d'arrendamento uma casa da rua do Gaspar que tem um espaçoso armazem para bem accomodar as suas bombas e carro d'escadas, e duas salas para reuniões.

Foi ultimamente nomeado chefe da referida corporação o sr. dr. Pereira Athayde e sub-chefe effectivo o sr. Manuel Sequeira.

A associação dos bombeiros voluntarios da Ponta Delgada é uma das associações mais auspiciosas que conhecemos.

Segundo velha usança, a corporação dos bombeiros municipaes de Vizeu, devia hontem festejar com missa solemne a grande instrumental e sermão, o seu patrono, o bemaventurado Marçal.

Na Povoia de Varzim, os bombeiros voluntarios da localidade acompanharam competentemente fardados a procissão de *Corpus Christi*, seguindo encorporados após a força militar. Não é decerto para acompanhar procissões que os habitantes da Povoia de Varzim que-rem a sua companhia de bombeiros.

Já foram devidamente approvados os Estatutos por- que se pretende reger a Associação Philantropica dos Bombeiros Voluntarios de Penafiel.

Segundo lemos em alguns jornaes fez-se ultima- mente em Paris a experiencia d'um novo extintor de incendios a que assistiu o sr. Grevy e outros persona- gens, na presença de 20:000 pessoas.

Uma casa de dois andares foi entregue ás cham- mas, e, em tres ou quatro minutos, foi completamente extinto o incendio por dois homens portadores do ap- parelho, que atacaram o incendio primeiro pela escada e depois por nma janella do primeiro andar.

Concluiu a experiencia lançando-se fogo n'um la- go de 150 metros de superficie contendo 3:000 kilos de alcatrão, petroleo etc. etc.

Dois minutos foi o tempo sufficiente para com dois jactos de liquido contido no «Mata Fuego», operar a extinção instantanea.

Brevemente se darão novas experiencias.

Na nossa opinião deve ser uma nova edição do co- nhecido *Extincteur* com que os nossos bombeiros vol- untarios tem por vezes feito experiencias.

Pelos serviços prestados n'um incendio occorrido em Coimbra, no dia 20 do passado maio e de que dê- mos minuciosa noticia no nosso n.º 5 de 4 de junho, foram agraciados com a medalha de prata os seguintes individuos :

Manuel Duarte Laranja Gomes Palma, estudante do segundo anno de direito.

Malaquias de Sá, segundo sargento de infantaria n.º 4.

Francisco Eduardo Solano de Abreu, estudante de primeiro anno de direito.

Justiniano Julio d'Abreu, segundo sargento do re- gimento de infantaria n.º 17.

José da Cunha Novaes Junior, segundo sargento de infantaria n.º 10.

João Antonio de Souza, estudante do quinto anno de direito.

Luiz Paula d'Aguiar, furriel de infantaria n.º 13.

Bacharel Adelino das Neves e Mello, commissario de policia civil de Coimbra.

Cezar Augusto de Freitas, amanuense da secreta- ria do commissariado da mesma cidade.

Foi tambem agraciado com a medalha de prata, Antonio Eduardo Maciel da Gama, patrão do carro n.º 3 do serviço de incendios de Belem.

Foram presos ultimamente em Pariz dois indivi- duos do corpo de bombeiros, por haverem roubado al- guns objectos de valor durante o incendio dos arma- zens do Printemps.

Este facto causou desagradavel impressão no espí- rito d'esta corporação a mais justamente apreciada em França.

G. A. JAUCK

LEIPZIG, ALLEMANHA

FABRICANTES DE MACHINAS E APRESTES PARA A EXTINÇÃO DE INCENDIOS

Agentes em Portugal: — Guilherme Gomes Fer- nandes & C.ª, rua do Bomjardim n.º 402—1.º andar.

PORTO

BOMBEIROS VOLUNTARIOS DO PORTO

Pelos cavalheiros que pretendem formar uma as- sociação de bombeiros voluntarios em Vianna do Cas- tello, foi convidado o commandante dos bombeiros volun- tarios d'esta cidade, a realizar um exercicio de manobras, afim de tomarem uma ideia geral da fórma por- que se devem executar as principaes manobras e tendo sido da melhor vontade acolhido o pedido, effectuou- se o exercicio no passado domingo, 26 do corrente, no pateo do Paraizo, ao Bomjardim, fronteiro ao quar- tel dos bombeiros voluntarios.

Houve bastante precisão em todos os trabalhos, manobrando os voluntarios com a bomba e todo o ma- terial do carro e sendo lançadas as escadas á crochets e prussianas nas varandas das casas fronteiras ao ci- tado quartel.

Os voluntarios de Vianna em numero de quatorze, que vieram a esta cidade expressamente para assisti- rem ao exercicio, tinham chegado no sabbado e retira- ram-se no dia immediato mostrando-se todos satisfei- tissimos pelo acolhimento que lhes foi feito pelos seus camaradas do Porto.

Vão subir por estes dias á sancção da auctoridade competente, os estatutos que foram ha pouco appro- vados pela respectiva assemblèa geral, para serem im- mediatamente impressos e distribuidos pelos associa- dos; afim de terem já applicação na parte relativa ás eleições para os diversos cargos da Associação, que se devem realizar ainda este mez.

Consta-nos ter já chegado a esta cidade, aviso de remessa da bomba encomendada por n'aquella Asso- ciação ao fabricante Jauck. a qual é provavel chegue ainda na primeira quinzena d'este mez, e que, como já noti- ciamos, é destinada a uma secção que acabam de mon- tar sob a designação de bomba n.º 2.

É pois de crer que breve comece a prestar os seus valiosos serviços em S. João da Foz do Douro.

Vae brevemente reunir-se o conselho de julgamento para avaliar de faltas no serviço commettidas por um socio activo.

E sempre para lastimar que este facto se dê, mostrando ainda assim a disciplina e respeito que se exigem a todos os associados.

Acham-se quasi promptos os retratos a oleo do sr. Guilherme Gomes Fernandes, commandante dos bombeiros voluntarios, Joaquim Antonio de Moura Soares primeiro patrão ajudante e Alexandre Theodoro Gama, fundador da Associação.

São executados pelo pintor Gualtieri que se acha de passagem n'esta cidade e destinam-se á sala das sessões, cumprindo a direcção por esta forma a deliberação tomada pela assembleia geral de 3 de novembro de 1880.

Foi mandado fazer pela actual direcção, um portão de ferro e uma taboleta designativa, que ficam esta semana collocados na casa da Associação.

ASSOCIAÇÃO SERVIÇO VOLUNTARIO DE AMBULANCIAS NOS INCENDIOS

Com esta denominação organisou-se em Lisboa uma nova associação, cujos beneficios resultados e utilidade já hoje são incontestaveis.

Pela sua briosa direcção foi-nos enviado um exemplar dos seus estatutos approvados por alvará do governo civil, de 26 de março passado.

D'elles extractamos as seguintes disposições:

A sociedade denominada Associação Serviço Voluntario de Ambulancias em Incendios tem por fim socorrer todas as pessoas que forem feridas em occasião de incendio, podendo o seu auxilio tornar-se extensivo a calamidades de outra natureza quando as circumstancias o exigirem, mas sempre em harmonia com os seus estatutos.

A Associação Serviço Voluntario de Ambulancias em Incendios, compõe-se de tres classes de socios sendo a 1.ª de medicos e de estudantes do 5.º anno de medicina, e dos estudantes dos outros annos; a 2.ª de todos os individuos que queiram prestar o seu auxilio, e a 3.ª de socios protectores.

Os estudantes dos 1.º, 2.º, 3.º e 4.º annos não poderão exercer clinica, além d'aquella que lhes fór determinada pelos facultativos ou pelos estudantes do 5.º anno;

As 1.ª e 2.ª classes formarão uma companhia que em serviço se denominará *Companhia Voluntaria de Saude*.

A Companhia Voluntaria de Saude terá um Chefe

com graduação e attribuições de Chefe de Companhia, o qual será um medico, que terá plenos poderes para fazer recolher aos diversos hospitaes os individuos feridos, para o que terá uma auctorisação especial das respectivas administrações.

E' expressamente prohibido n'esta Associação toda e qualquer discussão politica.

Os socios que constituem a companhia de Serviço Voluntario de Saude têm um uniforme que consta de: 1.º uma farda de panno azul ferrete com uma abotoadura com oito botões de emblema cirurgico, vivos de pannos carmezim, golla e canhões de velludo tambem carmezim; o canhão deverá ser em bico debruado de um vivo preto e a golla terá como carcella o emblema cirurgico (caduceu) bordado a oiro; calças do mesmo panno; 3.º bonet redondo avivado de panno carmezim com um galão largo preto; no centro terá o emblema cirurgico e por baixo d'este em gothico as iniciaes S. V. S., rodeados por duas palmas, tudo bordado a oiro. A palla será quadrada e direita.

O fardamento a que se refere o artigo antecedente será para a 1.ª classe; a 2.ª usará o mesmo mas tendo os canhões de panno da farda avivados de carmezim.

O armamento consta das seguintes peças; 1.º um capacete (modelo dos que usam os Bombeiros Voluntarios de Lisboa) tendo por chapa o emblema cirurgico de metal branco sobre um escudo encimado por uma cruz vermelha e cercado pelos ramos de palmas e carvalho, tendo, pela parte inferior as iniciaes S. V. S., tudo de metal amarello; 2.º dragonas inglezas de escamas, forradas de panno carmezim; 3.º um cinto de polimento preto, apertado por uma forte fivella de metal amarello e tendo do lado esquerdo uma caixa forrada tambem de polimento preto, caixa onde a 1.ª classe trará alguns instrumentos de cirurgia e a 2.ª, fios, ataduras e uns pequenos frascos contendo os medicamentos que o Chefe de Companhia designar como mais urgentes para os casos de maior frequencia; 4.º um apito de metal para signaes, que se suspenderá em volta da golla por um cordão de seda carmezim e se collocará entre os 1.º e 2.º botões da farda.

Para distinguir as diferentes graduações ficam estabelecidos os seguintes distinctivos, collocados no terço superior do braço direito: 1.º Chefe de Companhia, uma estrella tendo por cima uma corôa, bordada a ouro; 2.º Chefe de 1.ª classe, uma corôa bordada a ouro; 3.º Sub-Chefe de 1.ª classe, uma estrella bordada a ouro; 4.º Chefe de 2.ª classe, uma corôa de metal amarello; 5.º Sub-Chefe de 2.ª classe, uma estrella do mesmo metal; 6.º Inspector, duas estrellas, idem, idem.

Quando os socios não compareçam uniformizados, só poderão ser reconhecidos e admittidos, apresentando bem patente no braço esquerdo a insignia da Associação, que constará de uma fita elastica amarella com cinco centimetros de largura, tendo no centro uma cruz de lados eguaes de côr vermelha e no centro d'esta o numero em metal branco, do socio a quem pertencer.

As praças graduadas terão por cima do numero uma pequena corôa, tambem de metal branco.